

17/7/1986

A greve dos bóias-frias se alastra pelo Norte de São Paulo

Mil cortadores de cana, reunidos ontem noite em Serrana, na região de Ribeirão Preto, decidiram entrar em greve a partir de hoje, reivindicando reajustes salariais. A mesma decisão poderá ser tomada a partir de hoje, em outros municípios do norte do Estado, prevê o presidente do Sindicato de Santa Rosa de Viterbo, Celso Delbui.

Novos conflitos com violência entre trabalhadores e a polícia poderão acontecer no norte do Estado, caso seja deflagrada uma greve regional dos bóias-frias da região de Ribeirão Preto, segundo a opinião dos próprios sindicalistas do setor canavieiro, preocupados com os choques durante a atuação dos piquetes.

Em vez de um recuo diante dos incidentes de Leme, onde duas pessoas morreram, os sindicalistas avaliam que os cortadores de cana estão dispostos a reagir com violência, em caso de proibição dos piquetes pelos policiais.

Em Serrana, durante meia hora, vários oradores tentaram convencer os trabalhadores a desistirem da paralisação, pedindo maior prazo para novas negociações; mas foram vaiados pelos participantes da assembléia, que gritavam em coro: "Greve, greve".

O próprio ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, chegou a telefonar para Serrana, pedindo um "voto de confiança" aos trabalhadores, mas os bóias-frias reagiram com indiferença ao apelo. Segundo um assessor do sindicato, Flávio Valle, o ministro explicou que uma paralisação em Serrana provocaria uma onda de greves em toda a região e depois até em outros Estados. "O Nordeste só está esperando a decisão de São Paulo para parar também", teria afirmado Pazzianotto, acrescentando que "isso abalaria o País inteiro".

Não vamos ter como sustentar o regime, podendo acontecer até mesmo um golpe de Estado — teria dito o ministro.

Apenas dois diretores do sindicato defenderam publicamente a proposta de greve, mas pediram piquetes pacíficos e que seja evitado o confronto com a polícia. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serrana, Adão Amaro, explicou, no final, que "se não aceitasse a greve, o sindicato ficaria sozinho, assistindo de fora o movimento das bases, que poderia se perder".

Durante a assembléia, o advogado da Federação dos Trabalhadores, Jorge de Souza — candidato à Constituinte pelo PCB —, contestou a validade jurídica do acordo firmado em São Paulo, observando que no município "não houve assembléia e o sindicato não deu procuração para a Fetaesp negociar em seu nome".

— Os episódios de Leme não assustaram os trabalhadores, e penso que eles vão partir firmes, pois estão revoltados com a violência policial na greve do ano passado afirma Mauro Bouças, diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pitangueiras. "Eles se encorajaram diante dos fatos e não vão mais tolerar o autoritarismo da PM", acrescenta Celso Delbui, presidente da entidade de trabalhadores em Santa Rosa de Viterbo.

Também em Serrana, essa hostilidade preocupa as autoridades locais, que temem o agravamento desse clima de tensão. Assessores do sindicato da cidade lembram que na última paralisação, em maio de 1985, chegaram a desarmar alguns grevistas de seus podões, "só que, durante a madrugada, quando a imprensa não estava por perto. A polícia fez um verdadeiro massacre", denuncia o presidente Adão Amaro.

Apesar dessa forte predisposição do lado dos sindicalistas e cortadores de cana, o comandante de área do Interior-3 do PM, coronel Benedito Botelho, diz que o policiamento está de "sobreaviso" para intervir em caso de necessidade. "Eles estão-se antecipando demasiadamente ao problema", reagiu ele, observando que espera "um bom resultado nas negociações e, antes de tudo, o bom senso, pois o desencontro verificado já custou um bocado caro."

(Página 9)